Texto de Lucia Castello Branco para a exposição *Ao mesmo tempo* de Leonora Weissmann e Paula Huven no Palácio das Artes, Galeria Arlinda Corrêa Lima - 2008

**Nós, ao mesmo tempo, sós**

Encontro estas duas em meio a um caminho cruzado de cartas. Uma delas, de mais perto, declara: "No mesmo dia em que desisti de fazer o retrato (...), acabei conseguindo". A outra, mais de longe, continua: "Escolhi uma foto para mandar para você fazer o retrato, não sei se é isso mesmo, porque não é exatamente o corpo inteiro, faltam as pernas...".

Caminho em meio a estas duas, vejo corpos enormes, maiores que elas, vejo detalhes íntimos, menores que todos nós. E leio, em uma delas: "ao mesmo tempo, ouvimos os ruídos e os murmúrios".

Lembro, ainda perdida entre os retratos maiores que eu, das palavras de Deleuze: o escritor é justamente aquele " que viu e ouviu coisas grandes demais". E penso: "E o artista? Dos ruídos e murmúrios, o que será o artista ainda capaz de ver?'.

Assim, me perco, ao mesmo tempo em que me encontro entre dois, entre duas: são os namorados lado a lado, são as amigas posadas sobre o ladrilho hidráulico, são a moça de fundo branco , a moça de fundo preto. E, do outro lado, aquela senhora só, entre o rastro imperceptível de seus gatos e o beijo impossível de suas bonecas.

Antes, muito antes de Leonora e Paula, já havíamos aprendido, com Pessoa, que uma autopsicografia se escreve de um eu tornado outro, ou do outro que o eu sempre é. Agora, com o auto-retrato de Paula pintado por Leonora, aprendemos que uma mulher e outra mulher podem se encontrar em um si mesmo que jamais fará, de duas, uma só. Ou jamais fará, de uma, uma só. Como um dia pudemos ler em Clarice: "Não me posso resumir porque não se pode somar uma cadeira e duas maçãs. Eu sou uma cadeira e duas maçãs. E não me somo".

Assim permanecemos sós, entre estas duas, irremediavelmente juntas e, ao mesmo tempo, absolutamente sós. Felizmente há a paisagem, essa que atravessa tudo - da imensidão dos retratos de Leonora à minúscula dimensão de seus jardins: jardim do homem, jardim da mulher. Mas a paisagem por ser também, como nos ensina Gabriela Llansol, o terceiro sexo: " os três sexos que movimentam a dança do vivo: a mulher, o homem, a paisagem".

Eis que estamos salvos. Pela dança do vivo, escapamos à infinitização a que os espelhos e seus duplos nos condenam, E então podemos entender, finalmente, que o trabalho da paisagem entre elas - entre nós - foi o de reunir, pouco a pouco, os absolutamente sós.